

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriel Carlos da Silva Juvenal

**TURISMO E FESTIVAIS: UM ESTUDO SOBRE IDENTIDADES LOCAIS A PARTIR DO TRAP, RAP E
FUNK EM JUIZ DE FORA - MINAS GERAIS (MG)**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Profa. Dra. Carla Conceição Lana Fraga

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, GABRIEL CARLOS DA SILVA JUVENAL, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201972110A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **TURISMO E FESTIVAIS: UM ESTUDO SOBRE IDENTIDADES LOCAIS A PARTIR DO TRAP, RAP E FUNK EM JUIZ DE FORA - MINAS GERAIS (MG)** desenvolvido durante o período de 02/10/2025 a 26/01/2026 sob a orientação de PROFA.DRA CARLA CONCEIÇÃO LANA FRAGA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 26 de Janeiro de 2026.

Gabriel Carlos da Silva Juvenal

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

TURISMO E FESTIVAIS: UM ESTUDO SOBRE IDENTIDADES LOCAIS A PARTIR DO TRAP, RAP E FUNK EM JUIZ DE FORA - MINAS GERAIS (MG)

Gabriel Carlos da Silva Juvenal¹

RESUMO

O funk, rap e trap, bem como suas vertentes tornaram-se expressões culturais potentes, notadamente junto à juventude brasileira, principalmente em cidades caracterizadas como municípios turísticos, a exemplo - Juiz de Fora em Minas Gerais (MG). Paralelamente, o turismo de eventos é um dos segmentos que pode apresentar diálogo com as possibilidades da economia criativa, sendo esta capaz de atrair fluxos turísticos para cidades e regiões através da interatividade com a cultura. Os festivais de música urbana relativos ao funk, trap e rap são espaços que podem ir muito além da música enquanto expressão cultural, implicando ampliar o debate sobre a representatividade popular e autoestima alcançada por artistas e ritmos musicais, que antes podem ter sido marginalizados. Portanto, o problema desta pesquisa é: De que forma a relação entre turismo e festivais de música urbana relativos ao rap, trap e funk em Juiz de Fora (MG) podem fortalecer a identidade local? O objetivo geral foi: Analisar como a relação entre turismo e festivais de música urbana relativos ao rap, trap e ao funk em Juiz de Fora (MG) podem fortalecer a identidade local. A pesquisa é exploratória e descritiva, de natureza qualitativa sendo realizada a partir de: (1) Revisão bibliográfica sobre turismo, evento e cultura; (2) Coleta e organização de dados secundários sobre os festivais de música urbana (rap, trap e funk) em Juiz de Fora (MG). Utilizou-se o suporte do software QGIS 3.22 Biatowieza para abordagem georreferenciada. Os resultados a partir do arco temporal investigado (2005 - 2025) (n=69) demonstraram que existe uma concentração destes (n=51) eventos na Região de Planejamento (RP) Centro de Juiz de Fora (MG). Esse novo dado é estratégico pois permite em futuros trabalhos refletir sobre organização, planejamento e gestão do turismo em sinergia com festivais musicais numa perspectiva alinhada à economia criativa e ao fortalecimento das identidades locais.

PALAVRAS-CHAVE: festivais de música urbana, turismo, trap, rap, funk, identidade local.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil observa-se a ascensão das expressões culturais urbanas (tais como: rap, funk e trap) incluindo observar a importância de eventos com *slam* de poesia falada e batalhas de rimas. Cumpre explicar que o *slam* é conhecido como batalha de poesia falada, uma manifestação artístico-cultural que une literatura, performance e oralidade, nascida nos Estados Unidos na década de 1980, e que ganhou força no Brasil a partir dos anos 2000, principalmente em espaços urbanos e periféricos. O termo vem do inglês "poetry slam", criado pelo poeta March Smith em Chicago, no ano de 1986. A proposta era transformar a poesia em algo vivo, acessível e participativo, rompendo com o formato tradicional da literatura escrita e aproximando o público da performance (D'Alva, 2019). Por exemplo, Arruda (2024) analisou as batalhas de rimas pela perspectiva do desenvolvimento regional de destinos turísticos brasileiros, demonstrando a importância de se estudar a identidade local como parte do fenômeno turístico que deriva da música urbana. Esses gêneros raps e funk, bem como suas vertentes, são originados em contextos periféricos e historicamente marginalizados, tornaram-se elementos centrais na construção de identidades juvenis, na representação de territórios e na afirmação de novas formas de pertencimento social (Dayrell, 2002). No estado de Minas Gerais, observa-se uma expansão desse movimento, tanto no número de artistas independentes quanto na realização de festivais e eventos que celebram a cultura urbana em suas múltiplas dimensões (Estado de Minas, 2024).

Os festivais de trap, rap e funk, além de espaços de entretenimento, configuram-se como arenas simbólicas de resistência e reconhecimento. Neles, jovens artistas e produtores locais têm encontrado oportunidades de visibilidade e profissionalização, enquanto o público participa ativamente da consolidação de uma cultura musical que reflete suas realidades, lutas e aspirações (Lopes, 2011). Esse fenômeno, ao mesmo tempo cultural e social,

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. E-mail: juvenalgabrielcarlos@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Profa.Dra. Carla Conceição Lana Fraga. E-mail: carlota.fraga@uff.br

também pode impactar o desenvolvimento do turismo, conforme já afirmado por Arruda (2024). Isto, uma vez que tais eventos de música urbana (como as batalhas de rima) movimentam fluxos de pessoas, geram renda e podem reconfigurar a imagem de destinos turísticos que os sediam.

Juiz de Fora, cidade marcada por uma intensa vida universitária e por sua diversidade cultural, emerge como um destino turístico fértil para a análise desta interface entre turismo, cultura e eventos, notadamente implicando as identidades locais relativas ao rap e ao funk. Por exemplo, nota-se que eventos como o JF RAP Festival têm contribuído para a difusão do rap e do funk como expressões legítimas da identidade local e regional (Tribuna de Minas, 2025). Essa dinâmica de evento revela como a cultura urbana vem se tornando parte integrante da identidade local que pode atrair o turismo (vide Arruda, 2024). Isto ocorre pois ao se promover experiências culturais a partir de festivais musicais urbanos é possível atrair visitantes, impulsionam o desenvolvimento do turismo, incluindo possibilidades de articulação com o turismo criativo.

O turismo criativo é entendido como uma evolução do turismo cultural, propondo que o visitante participe ativamente das experiências locais de forma que desenvolva vínculos autênticos com a comunidade. Essa abordagem reconhece a criatividade como um ativo central para o desenvolvimento territorial, valorizando expressões culturais diversas, que revelam identidades e modos de vidas específicos dos territórios (Richards, 2011). Nesse contexto tem-se o seguinte problema de pesquisa: De que forma a relação entre turismo e festivais de música urbana relativos ao trap, rap e funk em Juiz de Fora (MG) podem fortalecer a identidade local? O objetivo geral é: Analisar como a relação entre turismo e festivais de música urbana relativos ao trap, rap e o funk em Juiz de Fora (MG) podem fortalecer a identidade local. Por outro lado, os objetivos específicos são: (a) Verificar a relação espacial dos eventos enquanto parte da cultura urbana como uma linguagem de resistência; (b) Entender o trajeto do rap, trap e do funk até o reconhecimento cultural; (c) Mapear festivais de música urbana em Juiz de Fora (MG) e analisar suas classificações.

Esse estudo se justifica pela relevância de investigar a intersecção entre cultura, turismo e identidade, especialmente no contexto das novas economias criativas. Ao reconhecer os festivais de trap, rap e funk como fenômenos que ultrapassam o campo artístico e alcançam dimensões sociais, econômicas e políticas, pretende-se contribuir para o debate sobre o papel da música urbana na formação de um turismo cultural inclusivo e representativo das múltiplas vozes que compõem o território mineiro. A pesquisa é exploratória e descritiva, de natureza qualitativa, sendo realizada a partir da combinação de revisão bibliográfica e coleta e organização de dados secundários sobre Juiz de Fora (MG) (vide Apêndices A, B e C). O trabalho está dividido em três partes além desta parte introdutória e das considerações finais, sendo que a próxima seção aborda a fundamentação teórica conceitual, seguida da seção sobre metodologia, e por fim, tem-se a apresentação dos resultados e discussão.

2. TURISMO CRIATIVO: CULTURA PERIFÉRICA E FESTIVAIS DE MÚSICA URBANA - TRAP, RAP E FUNK

Para compreender o impacto dos festivais de trap, rap e funk no turismo e na identidade cultural mineira, é necessário primeiro entender o contexto histórico e social dessas expressões urbanas. Tanto o hip hop quanto o funk surgiram como movimentos de resistência dentro de realidades marcadas pela exclusão social, a desigualdade racial e a marginalização das periferias (Silva, 2023). Especificamente, o hip hop inicia na década de 1970, no bairro do Bronx, em Nova York (Estados Unidos). Isto, a partir da necessidade de jovens negros e latinos criarem espaços de expressão diante da violência e da ausência de oportunidades. Esse movimento se estrutura em quatro elementos principais: o rap (ritmo e poesia), o DJ (base sonora e mixagem), o *breakdance* (dança) e o grafite (arte visual). Observa-se que mais que uma estética, o hip hop constrói uma filosofia de vida, baseada em princípios de consciência, respeito, união e superação, como destacou a pesquisadora Rose (1994) ao definir o rap como uma narrativa que traduz o cotidiano das comunidades oprimidas. Vale detalhar que o trap é um subgênero do rap que surgiu nos Estados Unidos na década de 1990, dentro do contexto do hip-hop sulista, especialmente em cidades como Atlanta, e que posteriormente ganhou força mundial a partir dos anos 2010. O termo "trap" faz referência às "trap houses", espaços associados ao tráfico de drogas e à sobrevivência nas periferias urbanas, o que revela sua origem marginal e contestatória, vinculada às realidades sociais de exclusão e resistência. No entanto, o trap não se resume à denúncia social, ele também reflete o desejo de ascensão e reconhecimento, misturando elementos de ostentação, consumo e autoafirmação. Essa dualidade (entre

contestação e ostentação) é o que define sua complexidade dentro da cultura urbana contemporânea. O gênero combina discursos críticos com a exaltação do sucesso e do poder conquistado, traduzindo as tensões vividas pelos jovens periféricos que buscam visibilidade e autonomia dentro de uma sociedade desigual (Silva, 2023).

Já o funk tem origem nas festas *black* e nos bailes de comunidades do Rio de Janeiro nos anos 1980, fortemente influenciado pela *soul music*, pelo *Miami bass* e por produções eletrônicas (Silva, 2023). Com o tempo, o gênero se expandiu, tornando-se uma das principais manifestações populares brasileiras, com grande penetração nas mídias digitais. Assim como o rap, o funk é um instrumento de comunicação e resistência, retratando o cotidiano das favelas, os desafios da juventude e os conflitos sociais com um olhar autêntico e provocador. Em síntese, ambos os movimentos (rap e funk) compartilham raízes comuns: são vozes das margens, ferramentas de empoderamento e meios de visibilidade para corpos e territórios historicamente silenciados. Esses representam, segundo Hollanda (2015, p.5), uma “nova forma de engajamento intelectual,” que se apropria das linguagens artísticas e digitais para construir narrativas próprias e disputar espaços simbólicos na sociedade.

Durante muito tempo, tanto o rap quanto o funk foram estigmatizados pela mídia e pelas instituições culturais, sendo associados à criminalidade, ao desvio moral e à desordem social. Essa marginalização, entretanto, reforçou ainda mais o caráter político desses gêneros, que passaram a reivindicar direito à cultura e à cidade. Nesse sentido, Dayrell, (2002) observou como festas de rua e batalhas de MCs e até festivais organizados representam uma virada importante: o momento em que a cultura periférica deixa de ser apenas resistência e passa também a ser potência econômica e turística. De acordo com Rodrigues, (2018) nos anos 1980 o rap e o funk eram vistos como expressões marginais, várias vezes tratados como “música de bandido” por terem ligação direta com a periferia, nesse período enfrentaram fortes rejeições da mídia e das elites brasileiras, porém resistência é uma das essências dos dois gêneros musicais, denunciar a opressão, o racismo, desemprego, exclusão social. Dessa forma os movimentos passaram a dar voz para um público que antes não tinha espaço, jovens negros e pobres periféricos, o que acabou por trazer uma narrativa política que envolve todo o contexto social brasileiro.

Atualmente, o rap e o funk estão entre os gêneros mais ouvidos do Brasil, especialmente entre os jovens, por exemplo, segundo dados do Spotify Brasil (2023), o trap/rap ocupa o segundo lugar entre os estilos mais reproduzidos na plataforma, atrás apenas do sertanejo. Essa presença massiva revela o quanto esses gêneros extrapolaram as fronteiras periféricas e se tornaram parte central da identidade musical contemporânea brasileira, marcando esta virada da cultura periférica. Ressalta-se que o imaginário da sociedade brasileira antes dessa virada associou a periferia à carência, ao perigo e à marginalidade. No entanto, essa imagem vem sendo desconstruída por uma nova leitura da cidade, na qual as margens se afirmam como território de produção criativa e simbólica. O célebre geógrafo brasileiro Milton Santos descreve o espaço urbano sendo um local de constante disputa, o espaço urbano é o resultado das ações humanas acumuladas sobre o território, tornando palco onde se expressam as contradições sociais e as formas de resistência, e nesse sentido a periferia é mais do que um espaço físico, é um lugar político e estético, onde se travam disputas em vários âmbitos (Santos, 2008).

A partir dessa perspectiva, as práticas culturais da periferia, como o rap, funk, grafite, *slam* e a moda de rua, assumem papel de instrumentos de afirmação identitária e de redefinição de paisagem simbólica da cidade. Como destaca Canclini (2013) a cultura urbana contemporânea é marcada por processos de hibridização nos quais o popular e o global se cruzam criando novas linguagens e circuitos criativos. Essa mistura é evidente na estética das periferias que mescla referências locais como: religiosidade, oralidade e memória comunitária com tendências globais, como: hip-hop, trap e cultura digital. Além disso, Hall, (2011) argumentou que as identidades periféricas são formadas por meio da diferença e resistência, estas se afirmam justamente na relação com o olhar que as tentam silenciar. Essa lógica pode ser vista nas produções artísticas da periferia, que transformam o estigma em símbolo, o silêncio em narrativa, a exclusão em linguagem. O mesmo é apontado por Hollanda (2015, p.7), ao discutir a emergência dos “estudos principalmente sociológicos e antropológicos sobre a cultura da periferia” no campo literário e artístico brasileiro, segundo esta pesquisadora a arte periférica é uma forma de insurgência estética e social, que desloca os centros de produção de cultura. Nota-se que o rap e o funk ao emergirem desses territórios, rompem com a lógica centro versus periferia, deixando claro um novo mapa urbano. Dessa forma a periferia deixa de ser compreendida como ausência e passa a ser reconhecida como presença criadora, produtora de sentido e de identidade. Como Santos, (2008) resume, é no espaço vivido, construído pelas experiências cotidianas que se revela o verdadeiro dinamismo social. A cultura urbana, portanto, não apenas apresenta a periferia, como também é a própria voz da periferia, que encontra no som, na palavra e na imagem os meios de

existir e resistir dentro do espaço urbano. Logo, os festivais urbanos podem se tornar verdadeiros atrativos turísticos culturais se relacionando com a cocriação de experiências turísticas imersivas e criativas.

A expansão das manifestações de cultura urbana como o rap, o funk, o grafite, skate, break dance, etc., transformou profundamente a paisagem cultural urbana. Logo, a virada da cultura periférica permitiu que antes era marginalizado como “contracultura” ou “subcultura” seja reconhecido como patrimônio simbólico e ativo econômico (Caminha, 2023). Neste ponto, que o turismo derivado de eventos tais como festivais urbanos, é um uma manifestação multifacetada que precisa ser mais bem examinada. Notadamente, ao se perceber os festivais urbanos como manifestações das áreas criativas é preciso compreender o significado do turismo criativo. Segundo Richards e Raymond (2000) esse tipo de turismo se diferencia do turismo tradicional por priorizar a participação ativa do visitante em experiências culturais autênticas, nas quais o aprendizado e o envolvimento com a comunidade local se tornam centrais. Nesse contexto, a cultura urbana pode se converter em um poderoso instrumento de atração turística, pois reflete a identidade viva e contemporânea dos territórios, permitindo em muitos casos a cocriação conforme apontado por Richards (2018). Destinos turísticos que abrigam festivais de trap, rap, funk ou arte de rua, tornam-se espaços simbólicos de pertencimento, possibilitando relações entre residentes e visitantes interessados em vivenciar as dinâmicas culturais das periferias. A seguir é detalhada a metodologia da pesquisa.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa é exploratória e descritiva, de natureza qualitativa, sendo realizada a partir da combinação de revisão bibliográfica narrativa (ou seja, sem protocolo e sistematização) e coleta e organização de dados secundários sobre Juiz de Fora (MG), notadamente dados relativos ao turismo e com foco nas manifestações culturais e festivais ligados ao trap, rap e o funk. No contexto dos avanços da pesquisa em turismo, entende-se a Escola da Teoria Crítica como aquela que tem contribuído para revelar como o conhecimento produzido na área é atravessado por relações de poder, orientações ideológicas e interesses institucionais que influenciam tanto a prática, quanto a interpretação do fenômeno turístico. Essa perspectiva destaca que o turismo não deve ser compreendido apenas como atividade econômica, mas como construção social permeada por discursos, disputas simbólicas, conflitos e processos de significação exigindo abordagens que problematizam desigualdades e tensionam estruturas estabelecidas. Nesse sentido, a adoção de uma abordagem crítica permite situar o turismo em suas dimensões históricas e socioculturais, reconhecendo que a produção científica também participa dessas dinâmicas e, portanto, deve ser analisada de forma reflexiva e contextualizada (Tribe, 2009).

Insta frisar que a pesquisa exploratória é aquela que tem como principal finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo mais explícito e construir hipóteses para sua compreensão (Gil, 2008). Por outro lado, por pesquisa descritiva busca-se observar, registrar e analisar as características de determinado fenômeno, sem interferir sobre ele, descrevendo relações e comportamentos (Vergara, 2016). Além disso, a pesquisa qualitativa implica em interpretação dos significados das ações humanas e dos fenômenos sociais, buscando compreender o contexto, as experiências e as percepções dos sujeitos envolvidos (Minayo, 2012). Esta pesquisa foi realizada em duas etapas, conforme o Quadro 1:

Quadro 1. Etapas da Pesquisas

Etapas	Consulta a fontes	Suporte dos softwares
Revisão bibliográfica	Google Acadêmico (2025) e livros.	Não se aplica
Coleta e organização de dados secundários /georreferenciamento	website da Prefeitura de Juiz de Fora, cuja as buscas foram feitas com os termos “funk” (aproximadamente 130 resultados) “rap” (aproximadamente 314 resultados) e “trap” (aproximadamente 9 resultados)*	QGIS 3.22 Biatowieza

*Coleta realizada no dia 06.11. 2025. Fonte: Elaboração própria.

Os dados secundários organizados nos apêndices A, B e C permitiram elaborar as camadas utilizadas no QGIS. Cumpre detalhar que o *software* QGIS é um Sistema de Informação Geográfica (SIG) de código aberto criado em 2002 e mantido colaborativamente por uma comunidade global de desenvolvedores, sendo amplamente utilizado para visualização, edição, análise espacial e produção cartográfica (QGIS, 2025). A seguir são apresentados e discutidos os resultados alcançados com relação a problemática inscrita na relação de possível fortalecimento da identidade local que pode ocorrer entre turismo e festivais de música urbana relativos ao trap, rap e o funk em Juiz de Fora (MG).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Caracterização do objeto de estudo

Em Minas Gerais, esse movimento foi avançando nas décadas seguintes do século XX, com destaque para cidades como: Belo Horizonte e Contagem. Por exemplo, o rapper e ativista mineiro “Djonga”, natural de Belo Horizonte, atualmente é um dos nomes mais importantes para o rap e para música brasileira (Nova Brasil, 2025), evidenciando uma causa que trouxe à tona em 2017 com sua frase “fogo nos racistas” lançada na música “Olho de Tigre”, o artista demonstra a essência clara e forte do rap mineiro; a valorização da sua identidade e resistência, além de trazer e deixar uma grande consciência política e educativa. Neste contexto, Juiz de Fora também vem se posicionando, cidade na qual os coletivos e batalhas de MCs criaram espaços de afirmação e resistência cultural fortalecendo o rap mineiro. Ao longo dos anos, observa-se que Juiz de Fora passou a desenvolver uma identidade própria, com letras que misturam crítica social, espiritualidade e estética introspectiva relacionadas a sua identidade local. Um exemplo disto é o trecho da letra da música “Okay” do *rapper* RT Mallone onde o artista rima: “JF é Chicago, baby. Todo dia um finado. E ainda assim cantamos sobre como é bom se sentir livre! Mesmo entre mortos nosso estilo é próprio. E só porque não podem por em rótulos eles negam que a gente existe” (LETRAS, 2025). Neste exemplo a comparação de Juiz de Fora com a cidade estadunidense de Chicago é uma questão identitária relacionada à ideia de cidades que podem ser consideradas, a partir do rapper RT Mallone, como cidades irmãs quanto a aspectos relativos às vulnerabilidades relativas a violência urbana.

É preciso contextualizar que Juiz de Fora é tradicionalmente reconhecida por sua visão progressista com uma comunidade universitária pungente e eventos culturais que tensionam temas sensíveis como o racismo estrutural, entre outros, por uma perspectiva crítica, isto fica nítido no trabalho sobre batalha de rimas de Arruda (2024). Entre tantos exemplos, tem-se o grupo de rap chamado “Armadilha do gueto” que fez o pré-lançamento do seu primeiro cd - “Cara a cara com o sistema”. num espaço central da cidade, o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas em 2009 (PJF, 2009). Um exemplo mais recente, é a própria ação da PJF, através da Secretaria de Desenvolvimento Urbano em conjunto com a Participação Popular (SEDUPP) que realizou reunião visando a criação de um corredor cultural do hip hop e skate na cidade (PJF, 2025d). Portanto, é inegável que Juiz de Fora tem se tornado um município com constante efervescência da cultura urbana ligado ao rap, funk e trap. Isso fica ainda mais nítido com o surgimento de batalhas de rima, estúdios independentes, coletivos artísticos e festivais de rua enquanto manifestações essenciais para consolidar este fenômeno caracterizando - o como um objeto de estudo ligado a interface turismo e festivais pela perspectiva do papel que as identidades locais de Juiz de Fora (MG) podem assumir.

Logo, essas transformações urbanas relacionadas à identidade local se tornam um componente que pode não só ser um elemento chave para a imagem de Juiz de Fora enquanto destino turístico, mas também se relaciona com o imaginário sobre o urbano. Sobre imagem de destinos quando Gartner (1993) explica que esta tem três características (afetiva, cognitiva e conativa) é possível compreender que a identidade local atravessada por eventos e manifestações ligadas ao funk, rap e trap se ligam ao afeto, ao pensamento e a decisões relativas de ações, tais como: participar, cocriar e/ou, incentivar, indicar para amigos e parentes a participação nestes eventos, entre outras ações em termos conativos. Neste ponto, que identidades locais, a formação de imagem e o imaginário podem fomentar um debate sobre o papel destes eventos e manifestações culturais para impulsionar o turismo na perspectiva do desenvolvimento local e regional.

Com isso a indústria cultural derivada da interface entre turismo e eventos é marcada por outros elementos, tais como o nascedouro de novos selos culturais independentes em Juiz de Fora. Conforme Coriolano (2003) observa-

se que o desenvolvimento do turismo de base local depende de uma série de recursos, incluindo os culturais. Neste ponto, o rap, o trap e o funk apresentam cada vez mais relevância para Juiz de Fora enquanto destino turístico, é possível destacar a importância da circulação de artistas e conteúdos produzidos na cidade. Ainda caracterização desta dinâmica se manifesta em coletivos, estúdios caseiros, batalhas de rima e eventos independentes que promovem artistas locais. Nota-se que estes espaços culturais se tornam laboratórios criativos e redes de sociabilidade, em que o ato de produzir arte é também um gesto de reivindicação territorial marcando e sendo marcado pelas identidades locais. Um exemplo é como isso é disseminado nas redes sociais, o perfil do Instagram @dancadaspretas (INSTAGRAM, 2025a) /@space.jfmg (INSTAGRAM, 2025b) /@batalhadobandeirantes_ (INSTAGRAM, 2025c) demonstra como a cultura do rap local se articula à ocupação do espaço urbano, à valorização de artistas da cidade e à construção de narrativas identitárias associadas a Juiz de Fora, reforçando sentimentos de pertencimento e reconhecimento cultural. Essas plataformas digitais contribuem, assim, para a formação da imagem cultural da cidade e para a ampliação da visibilidade das manifestações culturais locais, é essencial lembrar o que Gartner, (1993) explicou: imagem de destinos tem função cognitiva (pensar), afetiva (sentir) e conativa (ação). Nota-se que a produção, embora muitas vezes fora das estruturas institucionais padrões, cria novas centralidades simbólicas dentro da cidade, transformando as margens em polos de criação e circulação de cultura, inclusive com a ocupação de espaços públicos e privados localizados na Região de Planejamento Centro de Juiz de Fora (MG).

4.2. Resultados e Discussões

4.2.1. Relação espacial dos eventos enquanto parte da cultura urbana como uma linguagem de resistência

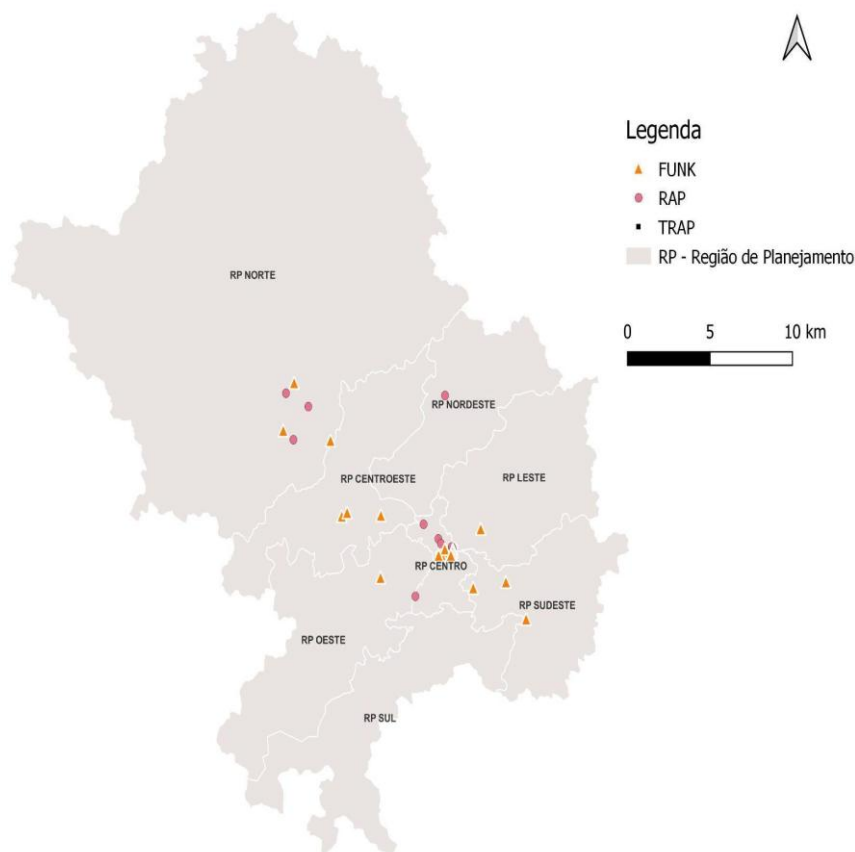
Observa-se que, de acordo com a Figura 1, os eventos (F24);(F32);(F33);(F34);(F44) foram realizados no mesmo espaço que os eventos (R2);(R3);(R5);(R8);(R14);(R17), o que corrobora para a ideia de que determinados territórios urbanos acabam se consolidando como pólos concentradores de atividades culturais, mesmo quando essas manifestações possuem origem periférica (Rose, 1994; Herschmann, 2014). Essa repetição espacial evidencia um padrão estrutural de centralização, no qual artistas e coletivos recorrem aos mesmos locais por estes oferecerem maior infraestrutura, visibilidade pública e legitimidade simbólica dentro da cidade. A leitura atenta da Figura 1 descreve esse fenômeno como resultado de processos de produção social do espaço e de apropriação seletiva do território urbano, que determinam quais áreas são reconhecidas como adequadas para práticas culturais de maior circulação.

A sobreposição dos eventos no mesmo local não representa apenas uma escolha geográfica, mas revela dinâmicas territoriais que reforçam o papel do centro como espaço autorizado, ao mesmo tempo em que evidenciam os limites que ainda restringe a presença cultural da periferia em seus próprios territórios (Lefebvre, 2001; Santos, 2006). O fato de que a maior parte dos eventos registrados entre 2005 e 2025 se concentra na Região de Planejamento (RP) centro mostra que a cultura urbana periférica adquire novos significados quando se desloca para o coração da cidade. Esses eventos, ao se instalarem em áreas de maior visibilidade e infraestrutura, rompem com a lógica que historicamente confinou corpos periféricos aos territórios da margem (Wacquant, 2008; Caldeira, 2000). Assim, ocupar o centro transforma-se em um gesto político e estético: um movimento que afirma presença, reivindica reconhecimento e tensiona barreiras espaciais construídas socialmente (Hall, 2003). Ao conquistar visibilidade em eventos localizados majoritariamente no centro. Baseado em Herschmann (2011) observa-se que *rapper* Mallone reafirma a força da periferia como produtora de cultura, ao mesmo tempo em que expõe as desigualdades de acesso que obrigam artistas periféricos a se deslocarem em direção ao núcleo urbano em busca de reconhecimento público.

A ocupação do centro da cidade destacada na Figura 1, entretanto, não elimina o vínculo periférico do trap, do rap e do funk com a periferia; ao contrário, leva esses códigos culturais para dentro do circuito dominante, fazendo com que a cultura urbana funcione como linguagem de resistência em trânsito conforme visto na teorização de Sodré (2019) e Rose, (1994). O centro, que tradicionalmente concentra eventos institucionalizados, passa a incorporar expressões culturais que nascem da desigualdade e denunciam a própria estrutura que historicamente os excluiu (Fraser, 2003). É justamente nessa ambivalência, que os eventos se tornam potentes e geradores de novas leituras sobre a cidade. Ao mesmo tempo, essa concentração espacial expõe os limites estruturais de Juiz de Fora: a periferia continua com baixa oferta de espaços culturais, de equipamentos públicos e de apoio institucional. Questões relativas aos embates socioespaciais e reinvenções a partir da cultura e do turismo são

explicitas na teorização de Magnani (2018) e Canclini (2011). Observa-se que o impulsionamento de artistas e produtores para o centro como alternativa viável para realização de eventos tem nuances de dinâmicas de poder.

Figura 1. Trap, Funk e Rap em Juiz de Fora (2005 - 2025)



Fonte:Elaboração própria a partir de PJF (2024a, 2024b, 2024c, 2024d) utilizando software QGIS 3.22 Biatowieza

A Figura 1, portanto, não apenas indica onde os eventos ocorrem, mas revela uma desigualdade urbana profunda que determina quem tem acesso aos meios de produção cultural, tema já abordado por Harvey (2012). A cultura de resistência se afirmar, mas paradoxalmente, ainda o faz dentro de condições espaciais que reforçam a dependência do centro como palco principal. Nesse sentido, a presença do trap, rap e do funk no centro torna-se um mecanismo duplo: resistência e inserção. Resistência porque rompe fronteiras simbólicas e ocupa espaços antes inacessíveis, conforme visto em Lefebvre (2001); inserção porque busca legitimidade em um território onde o olhar público, institucional e turístico está concentrado, vide o que se observou na obra de Canclini (2011). É justamente essa disputa espacial, carregada de tensões e potências, que produz novas formas de identidade local e reescreve o imaginário cultural de Juiz de Fora.

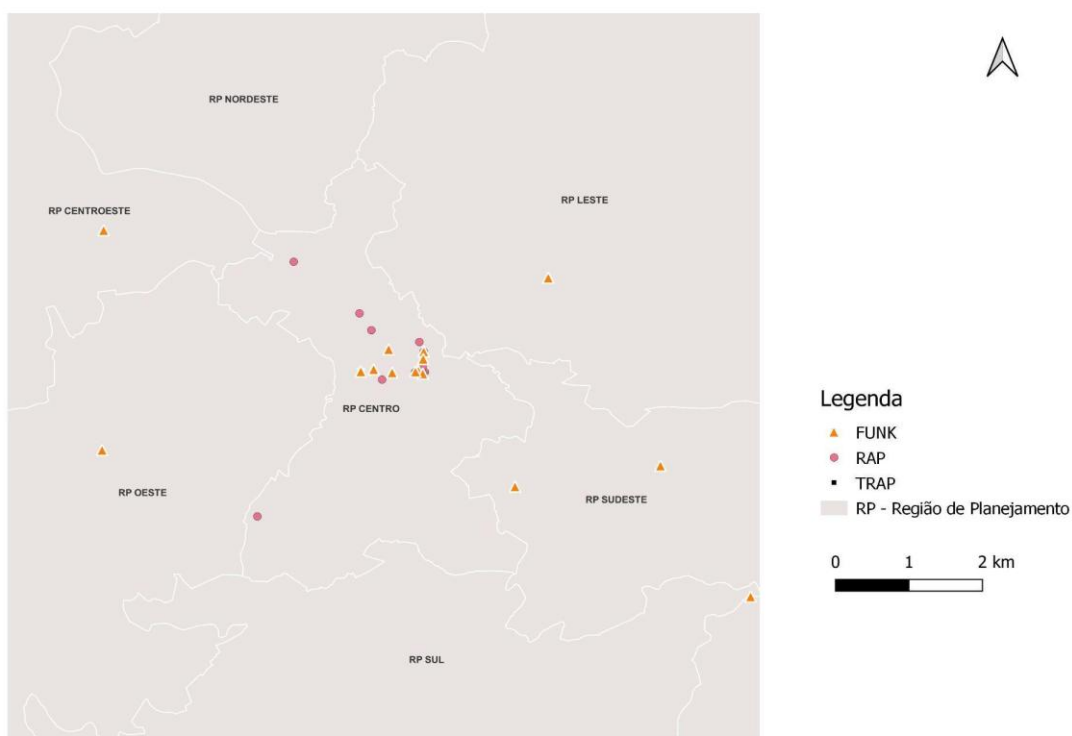
4.2.2. Trajeto do rap e do funk até o reconhecimento cultural

A análise espacial construída a partir dos dados disponibilizados pela Prefeitura de Juiz de Fora e organizados no QGIS, permitiu identificar com clareza o percurso do trap, rap e do funk no processo de consolidação e reconhecimento cultural dentro do município. Ao observar a distribuição dos eventos entre 2005 e 2025, nota-se que essas manifestações, inicialmente marginalizadas e associadas a territórios periféricos, passaram a ocupar de forma crescente os espaços centrais da cidade. Esse deslocamento, evidenciado pela cartografia, revela como o trap, rap e o funk ampliaram seu alcance e passaram a integrar circuitos culturais de maior visibilidade, alcançando públicos mais amplos e inserindo-se em agendas oficiais de lazer e entretenimento.

Os dados analisados demonstram que, à medida que essas expressões ganharam força no cotidiano urbano, seu reconhecimento deixou de estar restrito às práticas comunitárias e passou a aparecer também em eventos programados, festivais e ações promovidas em áreas de circulação turística e simbólica da cidade. Essa mudança espacial acompanha transformações discutidas na literatura, que apontam como o trap, o rap e o funk deixam de ocupar exclusivamente posições de resistência e passam a integrar dinâmicas culturais mais amplas, sendo consumidos, discutidos e legitimados em instâncias institucionais, o que dialoga com os trabalhos de Dayrell (2002); Pimentel (2025).

A Figura 2 também evidencia que essa expansão não ocorreu de forma espontânea: ela se relaciona à atuação de artistas, coletivos, batalhas de rima e eventos independentes que impulsionam o protagonismo periférico no cenário cultural de Juiz de Fora. A presença crescente de práticas como os duelos de improviso, já reconhecidos por sua importância na formação de redes e trajetórias juvenis (Arruda, 2024; Caminha, 2023), demonstra que a construção do reconhecimento cultural envolve um conjunto de iniciativas que vão muito além das apresentações formais. Assim o deslocamento para o centro não representa um abandono das raízes, mas o resultado de um processo de circulação cultural no qual as narrativas, estilos e códigos da periferia conquistam visibilidade, alcançam novos públicos e se firmam como elementos de identidade local.

Figura 2. Trap, Funk e Rap em Juiz de Fora (2005 - 2025) na RP - Centro



Fonte:Elaboração própria a partir de PJF (2024a, 2024b, 2024c, 2024d) utilizando software QGIS 3.22 Biatowieza

Na Figura 2 fica evidente uma concentração de (n=51) eventos do total de (n=69) na Região de Planejamento (RP) Centro de Juiz de Fora (MG). Com isso, a metodologia adotada permitiu compreender até que ponto a circulação espacial dos eventos funciona como indicador de reconhecimento cultural: ao tornarem presentes nos mesmos equipamentos e locais utilizados por outras manifestações legitimadas da cidade, o rap, o trap e o funk deixam de ser vistos apenas como expressões marginais e passam a compor o repertório cultural urbano. A cartografia, portanto, evidencia que o reconhecimento desses gêneros ocorre não apenas por meio de narrativas e produções artísticas, mas também por sua territorialização em áreas de maior fluxo e centralidade. Portanto, a cultura de periferia parece obter seu reconhecimento cultural no período compreendido entre 2005 e 2025 na Região de Planejamento Centro (RP) conforme Figura 2.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do estudo foi cumprido por meio de uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica narrativa (ou seja, sem protocolo e sistematização), análise documental e no uso de ferramentas de georreferenciamento, que possibilitaram compreender a distribuição espacial dessas manifestações culturais e sua relação com o território urbano de Juiz de Fora. Portanto, a partir do referencial teórico adotado e da metodologia empregada, foi possível evidenciar que o trap, o rap e o funk, enquanto expressões culturais urbanas, desempenham papel relevante na produção simbólica do espaço e na consolidação de narrativas identitárias locais. Os resultados indicam que eventos, coletivos culturais e iniciativas independentes não apenas promovem a circulação de artistas e conteúdos culturais, mas também contribuem para a ressignificação de áreas da cidade, criando novas centralidades simbólicas e fortalecendo o sentimento de pertencimento. Dessa forma, conforme observado na teorização de Beni (2006) sobre planejamento do turismo, o presente estudo confirma a pertinência de se compreender essas manifestações como ativos culturais capazes de dialogar com estratégias de planejamento turístico mais inclusivas e sensíveis às dinâmicas locais, o que enriqueceu a análise.

No entanto, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, foram identificadas algumas limitações metodológicas que devem ser reconhecidas. Destaca-se, principalmente, a escassez de referências bibliográficas específicas que articulem diretamente turismo, planejamento e culturas urbanas periféricas, especialmente no que se refere ao trap, rap e ao funk em contextos de cidades médias brasileiras. Essa limitação exigiu um esforço de aproximação teórica a partir de autores clássicos do planejamento turístico do território (Ruschmann; Solha, 2006), e da formação da imagem de destinos (Gartner, 1993), o que, embora tenha enriquecido a análise. Além disso, a pesquisa concentrou-se predominantemente em dados secundários e em análises espaciais, não incorporando a coleta de dados primários junto aos atores envolvidos. Tal escolha metodológica, ainda que adequada aos objetivos propostos, restringiu a possibilidade de aprofundamento das percepções, experiências e expectativas dos diferentes sujeitos que compõem essa dinâmica cultural, como artistas, produtores, público e gestores públicos.

Diante disso, apontam-se possibilidades para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática. Estudos futuros, ancorados no modelo de formação da imagem de destinos proposto por Gartner (1993), podem aprofundar a análise das dimensões cognitiva, afetiva e conativa da imagem associada às manifestações culturais do rap e do funk, ampliando a compreensão sobre como esses elementos influenciam a percepção do território. Ademais, trabalhos posteriores poderão, desde que submetidos e aprovados por Comitê de Ética em Pesquisa, incorporar a coleta de dados primários, por meio de entrevistas e questionários aplicados às diferentes partes interessadas, contribuindo para uma leitura mais abrangente e participativa do fenômeno estudado. Por fim, espera-se que este trabalho contribua para o debate acadêmico sobre a integração entre cultura urbana, planejamento turístico e desenvolvimento local, evidenciando a importância de reconhecer e valorizar as manifestações culturais periféricas como elementos legítimos e estratégicos na construção de políticas públicas de turismo mais democráticas, plurais e territorialmente comprometidas.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Fernanda. **Eventos de batalha de rimas e o desenvolvimento de destinos, na perspectiva da regionalização do turismo no Brasil**. Juiz de Fora, p. 1 - 43, 2024.

BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**. São Paulo: Edusp, 2000.

CAMINHA, Giulia Soster. **Graffiti na cultura hip-hop: relações entre linguagem identidade e espaço urbano na perspectiva transperiférica e indisciplinar da Linguística Aplicada**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 23, n. 3, 2023.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

CORIOLOANO, Luzia Neide Teixeira (Org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e pesquisa**, v. 28, n. 01, p. 117-136, 2002.

D'ALVA, Roberta Estrela. **SLAM: voz de levante**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

ESTADO DE MINAS. **MTG o Segredo por trás dos hits mais tocados do Brasil**. Publicado em 22/06/2024 às 13h58. Disponível em <<https://www.em.com.br/cultura/2024/06/6883199-mtg-o-segredo-por-tras-dos-hits-mais-tocados-do-brasil.html>> Acessado em: 24/10/2025.

FRASER, Nancy. **Redistribuição, reconhecimento e participação**. São Paulo: Boitempo, 2003.

GARTNER, WC. **Image Formation Process**. J. Travel Tour. Mark. 2(2/3): 191-215. 1993

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOOGLE ACADÊMICO, **Scholar**. 2025. Disponível em <<https://scholar.google.com/?hl=pt-BR>> Acessado em: 04/12/2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós - modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HERSCHMANN, Micael. **A indústria da música em transformação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Estética da Periferia: Crônica de uma Pesquisa**. p. 1 - 9, 2015.

INSTAGRAM (INSTAGRAM, 2025a), **Batalha do Bandeirantes**, Disponível em <https://www.instagram.com/batalhadobandeirantes_/> Acessado em 17/12/2025.

INSTAGRAM, (INSTAGRAM, 2025b) **Dança das Pretas**, Disponível em <<https://www.instagram.com/dancadaspretas/>> Acessado em 17/12/2025.

INSTAGRAM, (INSTAGRAM, 2025c) **Coletivo Espaço HipHop**, Disponível em <<https://www.instagram.com/space.jfmg/>> Acessado em 17/12/2025.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LETRAS, **Okay, RT Mallone**, Disponível em <<https://www.letras.mus.br/rt-mallone/okay/>> Acessado em: 16/12/2025.

LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2011.

MAGNANI, José Guilherme C. **Da periferia ao centro**. São Paulo: SESC, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

NOVA BRASIL. **Tudo Sobre Djonga, um dos maiores rappers da atualidade**. Publicado em 04/06/2025 às 10h30. Disponível em <<https://novabrasilfm.com.br/musica/tudo-sobre-djonga-um-dos-maiores-rappers-da-atualidade>> Acessado em 29/10/2025.

NEWSROOM. **Quase um quarto dos streams no Spotify são para Hip-Hop. Os editores globais do Spotify refletem sobre o crescimento do gênero**. Publicado em 10/08/2023. Disponível em <<https://newsroom.spotify.com/2023-08-10/quase-um-quarto-de-todos-os-streams-no-spotify-sao-para-o-hip-hop-os-editores-globais-do-spotify-refletem-sobre-o-crescimento-do-genero>> Acessado em 29/10/2025.

QGIS. **Foreword**. Publicado e atualizado em 23/10/2025 às 5h00. Disponível em <https://docs.qgis.org/3.40/en/docs/about/foreword.html?utm_source=>> Acessado em 03/12/2025.

PIMENTEL, Spensy. **O livro vermelho do hip-hop: 1995 remasterizado 2025**. São Paulo: Autonomia Literária & GLAC Edições, 2025.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA (PJF, 2025a). **Pesquisar: Trap**. Disponível em < <https://www.pjf.mg.gov.br/>> Acessado em: 06.11.2025.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA (PJF, 2025b). **Pesquisar: Rap**. Disponível em < <https://www.pjf.mg.gov.br/>> Acessado em: 30/11/2025

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA (PJF, 2025c). **Pesquisar: Funk**. Disponível em < <https://www.pjf.mg.gov.br/>> Acessado em:01/12/2025

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA (PJF, 2009). **“Armadilha do Gueto” dissemina cultura hip hop em seu novo cd**. Publicado em 20.03.2009. Disponível em <<https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=19768>> Acesso em: 11.12.2025.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA (PJF, 2025d). **PJF realiza reunião para criação do Corredor Cultural do Hip Hop e Skate em Juiz de Fora**. Publicado em 19.09.2025. Disponível em <<https://pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=87335>> Acessado em: 11/12/2025.

RICHARDS, Greg W. Creative and Tourism: The state of the art. **Annals of Tourism Research**, v.38 n.4, p.1225-1253, 2011.

RICHARDS, Greg. RAYMOND, Julie. **Creative Tourism**. ATLAS News, n. 23, p. 16-20, 2000.

RICHARDS, Greg. **Cultural Tourism: A review of recent research and trends**. Journal of Hospitality and Tourism Management, v. 36, p. 12 -21, 2018.

RODRIGUES, Isadora Almeida. **Cultura Negra e sobrevivência : samba, rap, funk e o racismo sintomático**. Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 137 - 154, 2018.

ROSE, Tricia. **Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America**. Hanover Wesleyan University Press, 1994.

RUSCHMANN, Doris; SOLHA, Karina Toledo. **Planejamento turístico**. São Paulo: Manole, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Laura França Menezes. **Entre contestação e ostentação: o rap, o funk e o trap no cenário musical brasileiro**. Juiz de Fora, p. 1-15. 2023.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2019.

TRIBE, John. **Philosophical Issues in Tourism**. Bristol: Channel View Publications, 2009.

TRIBUNA DE MINAS. **JF Rap Festival reúne grandes nomes do rap e funk neste sábado**. Publicado em 10/07/2025 às 14h20. Atualizada 10/07/2025 às 17h52. Disponível em <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/10-07-2025/jf-rap-festival-reune-grandes-nomes-do-rap-e-funk-neste-sabado-no-terrazzo.html>> Acessado em: 16 de outubro de 2025.

VERGARA, Sylvia Constant, **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

APÊNDICE A - Dados secundários sobre TRAP

Termos	Código	Data da postagem	Nome do evento	Data do evento	Endereço do evento (Local)
Trap (T)	T1	12.04.2024	II edição do Pushin P	13.04.2024	Beco da Cultura, entre a Biblioteca Municipal Murilo Mendes e o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM), na Avenida Getúlio Vargas, 200.
	T2	13.11.2023	IV Sarau do Sararau	17.11.2023	Teatro Paschoal Carlos Magno, R. Gilberto de Alencar, 1 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36015-470
	T3	31.05.2024	Corredor Multicultural	02.06.2024	Praça Antônio Carlos, Praça Pres. Antônio Carlos, 145 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-140

Fonte: Elaboração própria com base no website da Prefeitura de Juiz de Fora (PJF, 2025a).

APÊNDICE B - Dados secundários sobre RAP

Termos	Código	Data da postagem	Nome do evento	Data do evento	Endereço do evento (Local)
Rap (R)	R1	23.07.2025	Festival de Inverno do Mercado Cultural AICE	23.07.2025	Auditório do Mercado Cultural AICE (Rua Doutor Paulo Frontin, 170, 2º piso do Mercado Municipal).
	R2	06/06/2007	1º Festival de Rap de Juiz de Fora	09/06/2007	teatro do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM) / Café Muzik
	R3	04/07/2008	2º Festival de Rap	13/07/2008	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro
	R4	14/11/2019	Pólen	16/11/2019	Praça Antônio Carlos, Praça Pres. Antônio Carlos, 145 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-140

R5	20/4/2006	Projeto Nossa Música	25/04/2006	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro
R6	7/12/2018	City of Break	08 e 09/12/2018	Centro Cultural “Dnár Rocha” (Rua Mariano Procópio) R. Mariano Procópio, 973 - Mariano Procópio, Juiz de Fora - MG, 36035-780
R7	20/4/2023	Festival Multicultural de Arte Urbana	22/04/2023	Praça Áureo Carneiro, R. Diomar Monteiro, Grama.
R8	13/7/2006	Hip-Hop – Batendo de Frente – Valorizando Nossa Cultura	15/06/2006	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro
R9	12/6/2013	Quitessencia	14/06/2013	Café Acústico (Av. dos Andradas, 197, Centro)
R10	5/5/2017	Artigo de Rua	06/05/2017	Centro de Artes e Esportes Unificados Coronel “Adelmir Romualdo Oliveira” (CEU/Zona Norte - Avenida Juscelino Kubitschek, 5.899 - Benfica)
R11	20/5/2009	Funalfa Convida – Música Paratodos	21/05/2009	palco do Pró-Música, Av. Barão do Rio Branco, 2329 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36045-050
R12	10/11/2017	BANG! x Da Ponte Pra Cá	11/11/2017	Museu Ferroviário (Av. Brasil, 2001, Centro)
R13	29/5/2014	Maio Cultural	01/06/2014	Praça Antônio Carlos, Praça Pres. Antônio Carlos, 145 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-140
R14	18/12/2015	Café com Hip-hop	20/12/2015	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM)
R15	24/11/2006	Meu Bairro faz Arte– Compartilhando Culturas	26/11/2006	Vila Esperança II, Rua João Ribeiro Novaes
R16	9/3/2018	Semana da Mulher	9/3/2018	Praça do Riachuelo, Av. Barão do Rio Branco, 1665 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36013-020
R17	16/4/2007	Nossa Música	17/4/2007	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM)
R18	14/7/2023	Festa Soul Charme	15/7/2023	Rua João Beghelli, no bairro Dom Bosco
R19	22/10/2025	I Encontro da ReBEDH-MG	21/11/2025	Mercado Cultural Arte de Inventar Coisas Especiais, Av. Getúlio Vargas - Centro, Juiz de Fora - MG
R20	11/4/2019	Ocupa Social	15/4/2019	Praça Antônio Carlos, Praça Pres. Antônio Carlos, 145 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-140
R21	24/11/2022	Novembro Negro	26/11/2022	Museu Ferroviário, Av. Brasil, 2001 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36060-010

	R22	30/3/2023	Rua de Brincar	02/04/2023	Bairro Santa Cruz, Rua Artidório Nicolato, Santa Cruz, Juiz de Fora/MG ; 36088-213
--	-----	-----------	----------------	------------	---

Fonte: Elaboração própria com base no website da Prefeitura de Juiz de Fora (PJF, 2025b).

APÊNDICE C - Dados secundários sobre FUNK

Termos	Código	Data da postagem	Nome do evento	Data do evento	Endereço do evento (Local)
Funk (F)	F1	24/2/2025	Fala Aê Juventude	21/2/2025	Centro Socioeducativo, Nova Era, Juiz de Fora - MG
	F2	28/11/2025	Divas em Movimento	26/11/2025	Teatro Paschoal Carlos Magno, R. Gilberto de Alencar, 1 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36015-470
	F3	24/11/2011	Funk'n Lata	23/11/2011	Cine-Theatro Central, Praça João Pessoa, S/N - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-150
	F4	5/10/2015	13ª Parada do Orgulho LGBT	09/10/2015	Praça Antônio Carlos, Praça Pres. Antônio Carlos, 145 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-140
	F5	23/11/2018	1º Baile das Antigas	25/11/2018	Quadra da União das Cores (Rua Daniele Lamarca Pereira, 11 – Bairro Milho Branco)
	F6	10/2/2012	Corredor da Folia	12/2/2012	Praça Dr. João Penido (da Estação) Av. Francisco Bernardino, 5 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-010
	F7	1/7/2005	workshop gratuito de baixo elétrico	6/7/2005	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM)
	F8	19/6/2024	primeira edição do baile Charme Damata	22/6/2024	praça do bairro São Pedro, localizada na Avenida Senhor dos Passos, 1.597
	F9	10/5/2019	Corredor Cultural 2019	24 a 26/5/2019	Praça Antônio Carlos, Praça Pres. Antônio Carlos, 145 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-140
	F10	9/6/2006	Mascarenhas Teen	11/6/2006	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro
	F11	9/5/2024	Me Libera!	11/5/2024	Museu Ferroviário, Av. Brasil, 2001 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36060-010
	F12	13/11/2019	Pólen	17/11/2019	Biblioteca "Murilo Mendes", Av. Getúlio Vargas - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-180
	F13	18/2/2020	Bloco do Gente	19/2/2020	Parque Halfeld, R. Halfeld, 882-960 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36016-311
	F14	20/5/2016	Maio Cultural	21/5/2016	CCBM – Av. Getúlio Vargas, 200, Centro
	F15	10/9/2010	Estação Primavera	17/9/2010	Praça da Estação, Av. Francisco Bernardino, 5 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-010

F16	18/11/2011	I Mostra Cultural	18/11/2011	Escola Municipal Engenheiro André Rebouças, Rua Nicolau Schuery - Milho Branco, Juiz de Fora - MG, 36015-520
F17	1/12/2010	Circuito Música da Cidade	3/12/2010	Praça Dr. João Penido (da Estação) Av. Francisco Bernardino, 5 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-010
F18	29/1/2016	Encontro de Tambores	28/1/2016	Parque Halfeld, R. Halfeld, 882-960 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36016-311
F19	30/11/2012	Sarau Nossa Cultura - Consciência Negra	01/12/2012	Escola Municipal Menelick de Carvalho, no Bairro Retiro, Av. Dr. Francisco Álvares de Assis, 490 - Graminha, Juiz de Fora - MG, 36073-130
F20	3/12/2014	Mutirão digestivo autoral	07/12/2014	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro
F21	9/2/2023	maratona carnavalesca	10/2/2023	Parque Halfeld, R. Halfeld, 882-960 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36016-311 – Rua Halfeld – Praça da Estação
F22	11/8/2017	Bang!	12/8/2017	Museu Ferroviário, Av. Brasil, 2001 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36060-010
F23	9/10/2017	Núcleo Travessia	7/10/2017	Rua Jacinto Marcelino, 25, Bairro Vila Olavo Costa
F24	19/11/2007	Consciência negra... Nós temos	20/11/2007	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro
F25	10/1/2019	1º Show de Talentos	12/1/2019	Rua Jacinto Marcelino, 25, Bairro Vila Olavo Costa
F26	15/6/2016	Bem Comum Bairros	18/6/2016	Praça Maria Ilidia de Rezende, em São Benedito, Av. Agilberto Costa, 699-749 - São Benedito, Juiz de Fora - MG, 36061-140
F27	29/11/2013	JF em Pacto Pela Paz	28/11/2013	Estadual Deputado Olavo Costa, no Bairro Monte Castelo, R. Maria Geralda de Freitas, s/n - Monte Castelo, Juiz de Fora - MG, 36081-180
F28	27/2/2020	Redemoinho	29/2/2020	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro
F29	13/12/2006	Na batida	15/12/2006	Diretório Central dos Estudantes – DCE (esquina da Getúlio Vargas c/ Floriano Peixoto
F30	24/5/2013	Corredor Cultural 2013	24/5/2013	Praça Dr. João Penido (da Estação) Av. Francisco Bernardino, 5 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-010
F31	7/12/2007	JF nos Trilhos da Paz	7/12/2007	Anfiteatro do Museu Ferroviário, Av. Brasil, 2001 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36060-010
F32	1/6/2007	homenagem a Jagal	03/6/2007	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro

	F33	28/6/2007	Mascarenhas Solidário	29/6/2007	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro
	F34	10/12/2015	Mascarenhas Novos Ritmos	12/12/2015	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro
	F35	15/3/2024	Dudu Lima Trio - Caminhos JF	14/3/2024	Escola Municipal Dante Jaime Brochado, no bairro Santo Antônio, R. Francisco Fontainha, 163 - Santo Antônio, Juiz de Fora - MG, 36071-510
	F36	23/12/2009	Estímulo às artes	30/12/2009	Praça Antônio Carlos, Praça Pres. Antônio Carlos, 145 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-140
	F37	11/12/2009	Abrço da Paz	12/12/2009	E. M. Professora Núbia Pereira de Magalhães, R. Dr. Antônio Mourão Guimarães, 620 - Santa Cruz, Juiz de Fora - MG, 36088-280
	F38	14/11/2023	Corpo Urbano Skate & Rua: Edição Especial VIII Rolê das Minas	18 e 19/11/2023	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM), no Beco da Cultura e na Praça Antônio Carlos (PAC).
	F39	24/2/2011	Corredor da Folia	27/2/2011	Praça Dr. João Penido (da Estação) Av. Francisco Bernardino, 5 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-010
	F40	13/2/2012	2º Corredor da Folia	08/2/2012	Praça Dr. João Penido (da Estação) Av. Francisco Bernardino, 5 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-010
	F41	6/5/2010	Conexão Vivo 2010	6/5/2010	Praça Antônio Carlos, Praça Pres. Antônio Carlos, 145 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36010-140
	F42	13/11/2023	Sarau do Sararau	17/11/2023	Teatro Paschoal Carlos Magno, R. Gilberto de Alencar, 1 - Centro, Juiz de Fora - MG, 36015-470
	F43	15/6/2015	Curumim Benfica	13/6/2015	Rua dos Guararapes, 590, Bairro Benfica
	F44	9/6/2008	Comi pipoca e não usei camisinha	9/6/2008	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM – Avenida Getúlio Vargas, 200 - Centro

Fonte: Elaboração própria com base no website da Prefeitura de Juiz de Fora (PJF, 2025c)